

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 96 a 99 do Canto VIII de *Os Lusíadas*, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulte as notas.

Contextualização

Após a chegada a Calecute, os portugueses são recebidos pelo Catual; entretanto, Baco aparece em sonhos a um sacerdote, convencendo-o de que o objetivo dos portugueses era subjugar os indianos. O Catual prende Vasco da Gama e só o liberta a troco de mercadorias trazidas das naus. Finalmente, Vasco da Gama regressa a bordo, onde «estar se deixa, vagaroso».

- Est. 96 Nas naus estar se deixa, vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor, corrompido e pouco nobre.
5 Veja agora o juízo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Pode o vil interesse e sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.
- Est. 97 A Polidoro mata o Rei Treício,
10 Só por ficar senhor do grão tesouro;
 Entra, pelo fortíssimo edifício,
 Com a filha de Acriso a chuva d'ouro;
 Pode tanto em Tarpeia avaro vício
 Que, a troco do metal luzente e louro,
15 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afogada em pago morre.
- Est. 98 Este rende munidas fortalezas;
 Faz trédoros e falsos os amigos;
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
20 E entrega Capitães aos inimigos;
 Este corrompe virginais purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
 Este deprava às vezes as ciências,
 Os juízos cegando e as consciências.
- Est. 99 25 Este interpreta mais que sutilmente
 Os textos; este faz e desfaz leis;
 Este causa os perjúrios entre a gente
 E mil vezes tiranos torna os Reis.
 Até os que só a Deus omnipotente
30 Se dedicam, mil vezes ouvireis
 Que corrompe este encantador, e ilude;
 Mas não sem cor, contudo, de virtude!

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.^a ed., Lisboa, MNE/IC, 2003, p. 221

NOTAS

- *Acriso* (verso 12) – Rei de Argos que, para impedir o cumprimento da profecia de que seria morto por um neto, prendeu a filha numa torre. Júpiter, porém, sob a forma de chuva de ouro, introduziu-se na torre e tornou-a mãe de Perseu, que veio a assassinar Acriso.
- «*A Polidoro mata o Rei Treício*» (verso 9) – Quando a cidade de Troia estava prestes a cair em poder dos Gregos, o soberano mandou o filho, Polidoro, com uma considerável riqueza em ouro, ao «Rei Treício», para que o protegesse; todavia, este apoderou-se do metal e matou o jovem.
- *cor* (verso 32) – aparência exterior.
- *munidas* (verso 17) – bem fortificadas.
- *perjúrios* (verso 27) – mentiras; juramentos falsos.
- *Regedor* (verso 4) – Catual.
- *Tarpeia* (verso 13) – jovem romana que, na esperança de obter anéis de ouro dos Sabinos, que sitiavam Roma, lhes abriu as portas da cidade. Os inimigos, porém, não a pouparam.
- *trédoros* (verso 18) – traidores.

1. Relacione o conteúdo da estância 97 com a opinião formulada na estância anterior.

2. Releia os versos 17 a 28.

Explicita três dos valores postos em causa pelo poder do «metal luzente e louro» (verso 14). Apresente, para cada um desses valores, uma transcrição pertinente.

3. Interprete o sentido dos versos 29 a 32, enquanto crítica dirigida ao clero.

B

Leia o texto.

- Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que daqui por diante sejais mais Repúblicos e zelosos do bem comum, e que este prevaleça contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fora e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos? Não vedes que contra vós se emalham e entralham as redes; contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzóis, contra vós as físgas e os arpões? Não vedes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós de vossas portas adentro o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discórdia; e pois vos chamei e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não estáveis vós muito quietos, muito pacíficos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava S. António? Pois continuai assim, e sereis felizes.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes)* e *Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 91-92

NOTAS

- *entram* (linha 7) – prendem em malha de rede; enredam.
- *nassas* (linha 7) – sacos de rede em que se recolhe o peixe.
- *Repúblicos* (linha 2) – dedicados à causa pública.

4. Explique o conselho do orador expresso no primeiro período do texto (linhas 1 a 4) e relacione-o com o sentido das interrogações retóricas presentes nas linhas 4 a 12.

5. Justifique a evocação da lenda de Santo António, no contexto em que ocorre (linhas 13 a 15).

GRUPO II

Leia o texto.

Venho a Malaca, que agora se chama Melaka, pela História do meu país. No século XV, o sultanato controlava o comércio do Oriente, o imperador chinês oferecia a filha em casamento ao sultão. Vinte mil navios lançavam âncora no porto, 84 idiomas regateavam preços no cais. «Quem for senhor de Malaca tem a mão na garganta de Veneza», escrevia Tomé Pires, contemporâneo de Afonso de Albuquerque, aludindo à importância de Malaca no controlo da rota das especiarias.

Portugal conquistou a cidade em 1511, perdeu-a em 1641 para a Holanda. Não tenho ilusões sobre os vestígios da presença portuguesa: já passou demasiado tempo. O que os Holandeses e os Ingleses não destruíram, deixámos nós que se diluísse nos séculos de ausência e de desleixo. Antecipo Melaka como um cruzamento da humanidade, uma poção única, uma receita irrepetível. Mas não é assim. Encontro uma anónima e descoordinada cidade oriental, que podia ser qualquer outra cidade do Sudeste Asiático, um quarteirão periférico de Sydney, de São Francisco. Um rio lamacento e abandonado atravessa o centro, fachadas sujas e desmazeladas derretem-se sobre as margens. Do lado de cá, os Chineses; e do outro lado, os Indianos. Os Malaios estão mais além. Não há confusões. Cada um trata de si, todos se atarefam em conquistar uma vida melhor: um novo eletrodoméstico, um fim de semana em Singapura, a universidade dos filhos, a peregrinação a Meca.

Sob a aparente indolência tropical, as tensões étnicas vão cozendo em fogo lento. De tantos em tantos anos, explodem. Nada é inconsequente em Malaca: a língua, a fé, a cor da pele, a forma de vestir ou a aptidão profissional atribuem um lugar preciso no tabuleiro social. As pessoas carregam a afiliação étnica não apenas como uma identidade, também como um vínculo.

Ponho-me à procura das relíquias da passagem portuguesa. Encontro a porta decrépita de um forte demolido, o esqueleto de uma igreja, uma estátua mutilada de São Francisco Xavier. Faz tudo parte do roteiro turístico de Malaca, juntamente com o passeio de riquexó, a visita ao *shopping*, a quinta dos crocodilos. A réplica da caravela portuguesa que serve de museu da cidade não é, afinal, uma homenagem ao extraordinário feito de armas dos navegadores lusitanos – o de conquistar, com duas dezenas de navios e 1500 homens, um poderoso sultanato de 100 000 habitantes. Depois de sete meses de navegação desde Lisboa.

O museu serve para glorificar as bases religiosas da nação. Dentro, tudo conduz à conclusão de que os sucessivos invasores europeus não teriam conquistado Melaka hoje [...].

Continuo a procurar Portugal em Malaca – na igreja. O catolicismo, a artéria vital da mentalidade do meu povo, é um legado da presença portuguesa no antigo empório dos sete mares. Entro, é a hora da missa. A igreja imita o gótico francês, o padre é chinês, os fiéis são asiáticos, a missa decorre em inglês, as canções transmitem um concentrado de alegria, ritmo e *nonchalance* que seria impensável em Portugal. Não é um legado evidente. Mas uma coisinha pequena começa a agitar-se na alma: o sentimento de identificação com a realidade que me rodeia. Um momento familiar. Uma saudade.

Gonçalo Cadilhe, *Planisfério Pessoal*, Lisboa, Clube do Autor, 2016, pp. 232-233

NOTAS

- *nonchalance* (linha 36) – expressão em francês que significa «despreocupação», «desprendimento».
- *riquexó* (linha 25) – veículo de duas rodas para uma ou duas pessoas, puxado por uma pessoa a pé ou de bicicleta, frequente em cidades do Oriente.

1. Através da afirmação de Tomé Pires, citada no texto (linha 4), pretende-se
 - (A) destacar a supremacia comercial de Veneza.
 - (B) provar a relevância económica de Malaca.
 - (C) realçar a diversidade linguística em Malaca.
 - (D) confirmar a violência exercida sobre Veneza.

2. No segundo parágrafo, o autor
 - (A) evidencia a aliança entre universos culturais distintos.
 - (B) realça a singularidade oriental da cidade de Malaca.
 - (C) sublinha o contraste entre o real e o expectável.
 - (D) valoriza o convívio harmonioso entre os habitantes.

3. As referências a Sydney e a São Francisco (linha 13) têm como objetivo pôr em destaque
 - (A) o cosmopolitismo de Malaca.
 - (B) a descaracterização do espaço.
 - (C) a composição étnica diversificada.
 - (D) o estado de degradação da cidade.

4. Atendendo ao conteúdo do segundo e do terceiro parágrafos, depreende-se que a ocupação espacial distinta dos diferentes grupos populacionais
 - (A) desencadeia o conhecimento intercultural.
 - (B) anula a possibilidade de discórdia entre estes.
 - (C) assegura uma interação pacífica entre todos.
 - (D) sugere divisões potenciadoras de conflitos.

5. De acordo com os três últimos parágrafos do texto, o mais significativo legado português encontrado pelo autor foi
 - (A) a réplica de uma caravela.
 - (B) a igreja em estado de ruína.
 - (C) a estátua de São Francisco Xavier.
 - (D) a vivência do catolicismo.

6. Nas expressões «vão cozendo em fogo lento» (linha 18) e «tabuleiro social» (linha 20), o autor utiliza
- (A) a metáfora, em ambos os casos.
 - (B) o eufemismo, em ambos os casos.
 - (C) o eufemismo e a metáfora, respetivamente.
 - (D) a metáfora e o eufemismo, respetivamente.
7. Os complexos verbais «vão cozendo» (linha 18) e «Continuo a procurar» (linha 32) têm um valor aspetual
- (A) durativo.
 - (B) genérico.
 - (C) habitual.
 - (D) pontual.
8. Identifique o valor da oração iniciada por «que» na linha 1.
9. Classifique a oração sublinhada na frase «Quem for senhor de Malaca tem a mão na garganta de Veneza» (linha 4).
10. Indique a função sintática desempenhada pela oração «para glorificar as bases religiosas da nação» (linha 30).

GRUPO III

Se, para uns, a conquista de uma vida melhor é o principal objetivo, para outros, a luta pelo bem comum sobrepõe-se aos interesses individuais.

Será que estas duas perspetivas se podem conciliar na sociedade atual?

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a questão apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	
		50
TOTAL		200

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Entrelinha 1,5, sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

11 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 96 a 99 do Canto VIII de *Os Lusíadas*, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

Contextualização

Após a chegada a Calecute, os portugueses são recebidos pelo Catual; entretanto, Baco aparece em sonhos a um sacerdote, convencendo-o de que o objetivo dos portugueses era subjugar os indianos. O Catual prende Vasco da Gama e só o liberta a troco de mercadorias trazidas das naus. Finalmente, Vasco da Gama regressa a bordo, onde «estar se deixa, vagaroso».

Est. 96 Nas naus estar se deixa, vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor (1), corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

Est. 97 A Polidoro mata o Rei Treício (2),
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício,
Com a filha de Acriso (3) a chuva d'ouro;
Pode tanto em Tarpeia (4) avaro vício
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quási afogada em pago morre.

Est. 98 Este rende munidas (5) fortalezas;
Faz tréodoros (6) e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências.

Est. 99 Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor (7), contudo, de virtude!

Luis de Camões, *Os Lusíadas*

NOTAS

(1) *Regedor* – Catual.

(2) «*A Polidoro mata o Rei Treício*» – Quando a cidade de Troia estava prestes a cair em poder dos Gregos, o soberano mandou o filho, Polidoro, com uma considerável riqueza em ouro, ao «Rei Treício», para que o protegesse; todavia, este apoderou-se do metal e matou o jovem.

(3) *Acriso* – Rei de Argos que, para impedir o cumprimento da profecia de que seria morto por um neto, prendeu a filha numa torre. Júpiter, porém, sob a forma de chuva de ouro, introduziu-se na torre e tornou-a mãe de Perseu, que veio a assassinar Acriso.

(4) *Tarpeia* – jovem romana que, na esperança de obter anéis de ouro dos Sabinos, que sitiavam Roma, lhes abriu as portas da cidade. Os inimigos, porém, não a pouparam.

(5) *munidas* – bem fortificadas.

(6) *tréodoros* – traidores.

(7) *cor* – aparência exterior.

1. Relacione o conteúdo da estância 97 com a opinião formulada na estância anterior.
2. Releia os versos de «Este rende munidas fortalezas» (estância 98) até «E mil vezes tiranos torna os Reis» (estância 99).

Explícite três dos valores postos em causa pelo poder do «metal luzente e louro». Apresente, para cada um desses valores, uma transcrição pertinente.
3. Interprete o sentido dos últimos quatro versos da estância 99, enquanto crítica dirigida ao clero.

PARTE B

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que daqui por diante sejais mais Repúblicos (1) e zelosos do bem comum, e que este prevaleça contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fora e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos? Não vedes que contra vós se emalham e entralham (2) as redes; contra vós se tecem as nassas (3), contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzóis, contra vós as figas e os arpões? Não vedes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós de vossas portas adentro o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discórdia; e pois vos chamei e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não estáveis vós muito quietos, muito pacíficos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava S. António? Pois continuai assim, e sereis felizes.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes)* e *Sermão da Sexagésima*

NOTAS

- (1) *Repúblicos* – dedicados à causa pública.
(2) *entralham* – prendem em malha de rede; enredam.
(3) *nassas* – sacos de rede em que se recolhe o peixe.

4. Explique o conselho do orador expresso no primeiro período do texto (de «Já que assim o experimentais» até «vos venhais a consumir de todo») e relacione-o com o sentido das interrogações retóricas presentes nas linhas seguintes (de «Não vos bastam tantos inimigos» até «comendo-vos uns aos outros?»).

5. Justifique a evocação da lenda de Santo António no final do excerto.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

Venho a Malaca, **que** agora se chama Melaka, pela História do meu país. No século XV, o sultanato controlava o comércio do Oriente, o imperador chinês oferecia a filha em casamento ao sultão. Vinte mil navios lançavam âncora no porto, 84 idiomas regateavam preços no cais. «Quem for senhor de Malaca tem a mão na garganta de Veneza», escrevia Tomé Pires, contemporâneo de Afonso de Albuquerque, aludindo à importância de Malaca no controlo da rota das especiarias.

Portugal conquistou a cidade em 1511, perdeu-a em 1641 para a Holanda. Não tenho ilusões sobre os vestígios da presença portuguesa: já passou demasiado tempo. O que os Holandeses e os Ingleses não destruíram, deixámos nós que se diluísse nos séculos de ausência e de desleixo. Antecipo Melaka como um cruzamento da humanidade, uma poção única, uma receita irrepetível. Mas não é assim. Encontro uma anónima e descoordenada cidade oriental, que podia ser qualquer outra cidade do Sudeste Asiático, um quarteirão periférico de Sydney, de São Francisco. Um rio lamacento e abandonado atravessa o centro, fachadas sujas e desmazeladas derretem-se sobre as margens. Do lado de cá, os Chineses; e do outro lado, os Indianos. Os Malaios estão mais além. Não há confusões. Cada um trata de si, todos se atarefam em conquistar uma vida melhor: um novo eletrodoméstico, um fim de semana em Singapura, a universidade dos filhos, a peregrinação a Meca.

Sob a aparente indolência tropical, as tensões étnicas vão cozendo em fogo lento. De tantos em tantos anos, explodem. Nada é inconsequente em Malaca: a língua, a fé, a cor da pele, a forma de vestir ou a aptidão profissional atribuem um lugar preciso no tabuleiro social. As pessoas carregam a afiliação étnica não apenas como uma identidade, também como um vínculo.

Ponho-me à procura das relíquias da passagem portuguesa. Encontro a porta decrépita de um forte demolido, o esqueleto de uma igreja, uma estátua mutilada de São Francisco Xavier. Faz tudo parte do roteiro turístico de Malaca, juntamente com o passeio de riquexó (1), a visita ao *shopping*, a quinta dos crocodilos. A réplica da caravela portuguesa que serve de museu da cidade não é, afinal, uma homenagem ao extraordinário feito de armas dos navegadores lusitanos – o de conquistar, com duas dezenas de navios e 1500 homens, um poderoso sultanato de 100 000 habitantes. Depois de sete meses de navegação desde Lisboa.

O museu serve para glorificar as bases religiosas da nação. Dentro, tudo conduz à conclusão de que os sucessivos invasores europeus não teriam conquistado Melaka hoje [...].

Continuo a procurar Portugal em Malaca – na igreja. O catolicismo, a artéria vital da mentalidade do meu povo, é um legado da presença portuguesa no antigo empório dos sete mares. Entro, é a hora da missa. A igreja imita o gótico francês, o padre é chinês, os fiéis são asiáticos, a missa decorre em inglês, as canções transmitem um concentrado de alegria, ritmo e *nonchalance* (2) que seria impensável em Portugal. Não é um legado evidente. Mas uma coisinha pequena começa a agitar-se na alma: o sentimento de identificação com a realidade que me rodeia. Um momento familiar. Uma saudade.

Gonçalo Cadilhe, *Planisfério Pessoal*

NOTAS

(1) *riqexó* – veículo de duas rodas para uma ou duas pessoas, puxado por uma pessoa a pé ou de bicicleta, frequente em cidades do Oriente.

(2) *nonchalance* – expressão em francês que significa «despreocupação», «desprendimento».

1. Através da afirmação de Tomé Pires, citada no primeiro parágrafo, pretende-se

- a) destacar a supremacia comercial de Veneza.
- b) provar a relevância económica de Malaca.
- c) realçar a diversidade linguística em Malaca.
- d) confirmar a violência exercida sobre Veneza.

2. No segundo parágrafo, o autor

- a) evidencia a aliança entre universos culturais distintos.
- b) realça a singularidade oriental da cidade de Malaca.
- c) sublinha o contraste entre o real e o expectável.
- d) valoriza o convívio harmonioso entre os habitantes.

3. As referências a Sydney e a São Francisco no segundo parágrafo têm como objetivo pôr em destaque

- a) o cosmopolitismo de Malaca.
- b) a descaracterização do espaço.
- c) a composição étnica diversificada.
- d) o estado de degradação da cidade.

4. Atendendo ao conteúdo do segundo e do terceiro parágrafos, depreende-se que a ocupação espacial distinta dos diferentes grupos populacionais
- a) desencadeia o conhecimento intercultural.
 - b) anula a possibilidade de discórdia entre estes.
 - c) assegura uma interação pacífica entre todos.
 - d) sugere divisões potenciadoras de conflitos.
5. De acordo com os três últimos parágrafos do texto, o mais significativo legado português encontrado pelo autor foi
- a) a réplica de uma caravela.
 - b) a igreja em estado de ruína.
 - c) a estátua de São Francisco Xavier.
 - d) a vivência do catolicismo.
6. Nas expressões «vão cozendo em fogo lento» e «tabuleiro social» (terceiro parágrafo), o autor utiliza
- a) a metáfora, em ambos os casos.
 - b) o eufemismo, em ambos os casos.
 - c) o eufemismo e a metáfora, respetivamente.
 - d) a metáfora e o eufemismo, respetivamente.
7. Os complexos verbais «vão cozendo» (início do terceiro parágrafo) e «Continuo a procurar» (início do sexto parágrafo) têm um valor aspetual
- a) durativo.
 - b) genérico.
 - c) habitual.
 - d) pontual.
8. Identifique o valor da oração iniciada por «que» (palavra destacada no início do texto).

9. Classifique a oração destacada na frase «**Quem for senhor de Malaca** tem a mão na garganta de Veneza».
10. Indique a função sintática desempenhada pela oração «para glorificar as bases religiosas da nação» (início do quinto parágrafo).

GRUPO III

Se, para uns, a conquista de uma vida melhor é o principal objetivo, para outros, a luta pelo bem comum sobrepõe-se aos interesses individuais.

Será que estas duas perspetivas se podem conciliar na sociedade atual?

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a questão apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

Parte A 60 pontos

1. 20 pontos

2. 20 pontos

3. 20 pontos

Parte B 40 pontos

4. 20 pontos

5. 20 pontos

100 pontos

A transportar **100 pontos**

Transporte 100 pontos

GRUPO II

- 1. 5 pontos
- 2. 5 pontos
- 3. 5 pontos
- 4. 5 pontos
- 5. 5 pontos
- 6. 5 pontos
- 7. 5 pontos
- 8. 5 pontos
- 9. 5 pontos
- 10. 5 pontos

50 pontos

GRUPO III

Item único 50 pontos

50 pontos

TOTAL 200 ponto